



Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 2177-6229

Universidade do Vale do Rio dos Sinos Centro de Ciências
Humanas Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais

Teixeira, Juliana Cristina; Silva, Caroline Rodrigues
As artes de fazer cotidianas de trabalhadoras domésticas
inseridas em micro dimensões organizativas da vida social
Ciências Sociais Unisinos, vol. 56, núm. 2, 2020, Maio-Agosto, pp. 202-216
Universidade do Vale do Rio dos Sinos Centro de Ciências
Humanas Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

DOI: <https://doi.org/10.4013/csu.2020.56.2.08>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93868583009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UNESM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto



As artes de fazer cotidianas de trabalhadoras domésticas inseridas em micro dimensões organizativas da vida social

The daily arts of housemaids inserted in micro organizational dimensions of social life

Juliana Cristina Teixeira¹
Julianacteixeira@yahoo.com.br

Caroline Rodrigues Silva²
Caroline_rodrigues@hotmail.com

Resumo

O objetivo principal deste artigo é o de conhecer os relatos das práticas (estratégias e táticas) cotidianas de trabalhadoras domésticas que representem suas artes de fazer. A expressão artes de fazer está presente em Certeau (1998), autor que nos traz, teoricamente, a possibilidade de apresentar um artigo que é dedicado a mulheres ordinárias. A pesquisa é qualitativa e envolveu, como corpus, a produção de discursos obtidos por meio de entrevistas com trabalhadoras domésticas que foram em partes abertas, e em partes semiestruturadas, buscando a apreensão de suas artes. A abordagem teórico-metodológica utilizada se refere à ACD (Análise Crítica do Discurso). Este artigo permitiu a abordagem de variados saberes cotidianos e ordinários que circulam entre as práticas das trabalhadoras domésticas dentro do que foi chamado de um saber maior: o saber gerir e participar da gestão de uma vida social organizada. Introduzindo a perspectiva da vida social organizada das trabalhadoras domésticas, referenciamos o estudo da vida social organizada, identificando as sujeitas estudadas como autoras de micropráticas que contribuem de forma direta para políticas organizativas importantes, por vezes ignoradas, na sociedade e nos estudos mainstream.

Palavras-chave: Cotidiano. Trabalhadoras domésticas. Vida organizada.

Abstract:

The main objective of this paper is to know the daily practices (strategies and tactics) of housemaids who represent their arts of making. The expression arts of making is present in Certeau (1998), an author who theoretically brings us the possibility of presenting a paper dedicated to ordinary women. The research is qualitative and involved a corpus with the production of speeches obtained through interviews with housemaids. These interviews were open and also semi-structured, seeking to apprehend their arts. The theoretical-methodological approach used refers to ACD (Critical Discourse Analysis). This paper allowed the approach of different daily and ordinary knowledge that circulate among the practices of domestic servants within what was called a more excellent knowledge: the knowledge to manage and participate in the management of organized social life. Introducing the perspective of the organized social life of domestic workers, we refer to the study of organized social life, identifying the subjects studied as authors of micro-practices that directly contribute to critical organizational policies, sometimes ignored, in society and mainstream studies.

Keywords: Daily life. Housemaids. Organized life.

¹ Professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/UFES) e Associada da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN).

² Doutoranda na Fundação Getúlio Vargas EAESP.

Introdução

O objetivo principal deste artigo é o de conhecer os relatos das práticas (estratégias e táticas) cotidianas de trabalhadoras domésticas que representem suas artes de fazer. A expressão *artes de fazer* está presente em Certeau (1998), autor que nos traz, teoricamente, a possibilidade de apresentar um artigo que é dedicado a mulheres ordinárias,

Propomos, com este artigo, inseridos em um contexto de estudos organizacionais alternativos ao *mainstream*, um diálogo com a perspectiva crítica em relação à história tradicional já iniciada por outros trabalhos no contexto dos estudos organizacionais (HONORATO; SARAIVA, 2016; QUARESMA; PEIXOTO; CARRIERI, 2013; FARIA; SILVA, 2015; TEIXEIRA, 2020; TEIXEIRA; CARRIERI; PEIXOTO, 2015; OLIVEIRA; CAVEDON, 2013), pois Certeau (1998) foi um crítico contundente à historiografia tradicional, por ela focar, sobretudo, nas narrativas de grandes eventos, de grandes personagens, deixando os sujeitos comuns e suas artes de fazer cotidianas à margem dessa história. Quando temos como *sujeitas* as trabalhadoras domésticas, objetivamos adentrar ao cotidiano, entendendo que o mesmo é importante para se compreender a sociedade, bem como alcançar o cotidiano de mulheres cujas vozes tendem a ser silenciadas não só por essa história tradicional, como também pela própria academia.

Considerando a importância concedida por Certeau (1998) aos saberes marginais, representados pelas artes de fazer cotidianas de sujeitos comuns, a questão orientadora deste estudo é: que saberes cotidianos e ordinários circulam entre as práticas das trabalhadoras domésticas? Falando especificamente do campo de estudos em administração, ao estudar trabalhadoras domésticas, trazemos sujeitos cujas vozes são também silenciadas nesse cenário. Não falamos de executivos de grandes organizações e nem de trabalhadores inseridos em organizações formais ou informais. Falamos de trabalhadoras que se inserem em uma das dinâmicas organizativas mais primitivas de nossa sociedade: as famílias. Ao trazê-las para os estudos organizacionais, defendemos uma perspectiva mais ampliada não só de organização, como também de gestão, pois falamos da gestão cotidiana de existências, de *artes de viver, resistir, cuidar e fazer*. Retomamos a importância destacada por Carrieri (2012) acerca do estudo do ordinário na gestão, que é o estudo de vidas sociais organizadas, como são as vidas das famílias nas quais o trabalho doméstico se insere; e as vidas das *sujeitas*³ que executam esse trabalho sendo trabalhadoras domésticas. Assim, trazemos práticas localizadas em micro dimensões organizativas da vida social.

Nesse sentido, uma das potenciais contribuições deste artigo reside na defesa da existência de uma teoria organizacional diferente da hegemônica, que foi historicamente dominada por perspectivas anglo-saxônicas de gestão (RODRIGUES; CARRIERI, 2001). Essas perspectivas já desconsiderariam a proposta deste artigo, já que ele: 1) aborda trabalhadoras domésticas (que estão fora do âmbito das organizações, da cultura do *pop-management* e do gerencialismo (WOOD JR.; PAES DE PAULA, 2002); e 2) aborda uma categoria de trabalho característica de uma sociedade pós-colonial e que, portanto, não se aproxima das grandes preocupações das tradições anglo-saxônicas.

Ao trazer o estudo do cotidiano por Certeau (1998), trazemos também sua noção a respeito das estratégias e táticas cotidianas, que são práticas sociais que se tornam formas de sobrevivência, *artes de fazer* cotidianas. O autor relativiza noções de verdade (GIARD, 1998) e também dá possibilidades de considerarmos formas de resistências, as quais seriam entendidas como táticas, praticadas por aqueles que ocupam as posições menos privilegiadas nas relações de poder (CERTEAU, 1998).

Outra contribuição do estudo é a própria abordagem do trabalho doméstico. Santos (2009) ressalta que, até meados da década de 70, não havia pesquisas acadêmicas no Brasil sobre o trabalho doméstico, ausência que ocorreu, entre outros fatores, devido a então invisibilidade das mulheres no campo acadêmico dominante e, também, porque o interesse acadêmico por esse tipo de trabalho ocorria somente quando a produção feminista era intensificada.

Além disso, os próprios estudos feministas iniciais, considerados como a segunda onda do feminismo, não inseriam em suas problematizações a situação social da mulher negra, que foi a protagonista do trabalho antecessor ao trabalho doméstico, na personagem das escravizadas domésticas. Como argumenta Bell Hooks (2018, p. 72),

Quando várias mulheres negras/não brancas viram mulheres de classe privilegiada se beneficiarem economicamente dos ganhos do feminismo reformista mais do que outros grupos, do gênero sendo agregado a ações afirmativas raciais, isso simplesmente reafirmou o medo delas de que feminismo realmente significava aumento do poder branco. [...] Mulheres privilegiadas, muitas das quais se denominam feministas, simplesmente se afastaram da 'feminização da pobreza'.

Esse processo contribuiu para a maior invisibilização das mulheres negras e, conseqüentemente, das trabalhadoras domésticas nos estudos acadêmicos, fazendo com que a aborda-

³ Neste artigo, ao invés de usarmos a palavra *sujeito(s)*, optamos por usar a palavras *sujeita(s)*, uma vez que estamos falando de mulheres, e compreendemos como a língua é reprodutora das estruturas excludentes da sociedade, ao normalizar o masculino como representativo da universalidade humana. Em *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*, Grada Kilomba, ao também se incomodar com esse aspecto, opta por utilizar o recurso itálico para demarcar a inquietude com o padrão toda vez que usa a palavra *sujeito(s)*. Tentamos aqui este mesmo recurso de usar a versão masculina itálica, inspiradas na autora. Pois a utilização de *sujeita(s)* traz o risco de remeter a uma significação da condição de sujeição. No entanto, como o texto é todo sobre mulheres, soava estranho a todo momento o uso de *sujeito(s)*. Nesse sentido, ainda considerando uma das sábias opções o recurso completo de Grada, seguimos inspiradas nela, ao demarcar *sujeita(s)* como itálico a todo o momento, mas mantendo a versão feminina da palavra.

gem de Certeau (1998), no sentido de ampliar o processo de abordagem e de escuta teórica e metodológica das pessoas invisibilizadas, seja um caminho frutífero.

Vários estudos sobre o trabalho doméstico surgem no campo das ciências humanas e sociais, como sociologia, psicologia e antropologia (BARBOSA; IASINIEWICZ; BÜTTOW, 2019; NEVES, 2011; TEIXEIRA, 2020; TEIXEIRA *et al.*, 2015), o que ocorre ainda restritamente no campo dos estudos organizacionais. Ainda assim, em termos históricos, boa parte deles foram frutos de pesquisas conduzidas a partir de lugares de fala (Ribeiro, 2019) de mulheres brancas. Este texto foi escrito por duas mulheres negras, e romper com esses lugares que hegemonicamente nomeiam as práticas é outro aspecto que configura o potencial de contribuição deste estudo.

Partimos do pressuposto, neste trabalho, de que essas mulheres, subjetivamente vivenciando de diferentes maneiras seu trabalho e os lugares que ocupam na sociedade, empreendem estratégias e táticas cotidianas que funcionam como micropoderes e microrresistências que, embora não alterando de maneira abrangente os sentidos sociais do que é trabalhadora doméstica, influenciam diretamente na maneira como se configuram cotidianamente as relações que estabelecem com seus empregadores e com os grupos sociais.

A perspectiva do cotidiano

O que é o cotidiano? Neste estudo, não partimos da necessidade de definições e nem de um conceitualismo. Podemos interpretar o cotidiano como algo pouco importante, já que é uma noção que “[...] tem um ranço de mesmice, de repetição, e inclusive de invisibilidade por tratar-se de ações corriqueiras” (LEÓN CEDEÑO, 2006, p. 255), tendo sido tradicionalmente tratado como algo trivial no pensamento ocidental (LEFEBVRE, 1991b; GARDINER, 2000). No entanto, discutiremos aqui especificidades do mesmo que o tornam uma forma analítica de se opor às grandes narrativas e de dar visibilidade a saberes que guardam misérias e grandezas da vida dos indivíduos.

No sentido comum, o cotidiano é imediatamente relacionado à “[...] vida privada e familiar, às atividades ligadas à manutenção dos laços sociais, ao trabalho doméstico e às práticas de consumo” (DEL PRIORE, 1997, p. 377). Ao estudar o cotidiano, estudamos os homens e mulheres comuns, falamos dos indivíduos da vida cotidiana, aqueles que focam dia a dia a garantia de sua sobrevivência (PATTO, 1993), empreendendo esforços físicos e intelectuais. Nesse contexto, praticamos o exercício de escutar as vozes das pessoas que não são abordadas pela história tradicional. Pois, sendo indivíduos considerados periféricos, acabaram ficando de fora das grandes narrativas tradicionais (MARTINS, 2008). Nesse contexto, há uma “[...] oposição entre dois espaços portadores de historicidade e de rotineira cotidianidade [que] recobre, de fato, a oposição entre ‘detentores’ e ‘excluídos’ da História” (DEL PRIORE, 1997, p. 377).

Não queremos dizer, contudo, que os grandes eventos fiquem de fora do estudo sobre o cotidiano (CERTEAU, 1998). Embora não haja relação direta e clara do estudo do cotidiano com a história, já que nos estudos do cotidiano, o privado e suas especificidades, alheios à história tradicional, são fontes de análise (LEFEBVRE, 1991a), os grandes eventos também fazem parte do cotidiano (CERTEAU, 1998). A diferença é que esses eventos não se constituem em aspectos centrais para essa abordagem. O que se propõe com o cotidiano é o estudo das ações diárias que fazem parte da realidade do indivíduo, mesmo aquelas não consideradas centrais para a história. “A vida cotidiana é vista como território de estruturas antropológicas elementares que podem ser invocadas contra a naturalização da história” (PATTO, 1993, p. 122). Lefebvre (1991a) entende, por exemplo, que o cotidiano está em um nível intermediário entre o indivíduo e a história (CUNHA, CANUTO, LINHARES; MONTE-MÓR; 2003).

Como enfatiza Lefebvre (1991a, p. 6), se quisermos saber o que aconteceu em algum dia por meio de registros da própria imprensa, podemos não encontrar “[...] muita coisa sobre a maneira como as pessoas sem importância viveram esse dia: suas ocupações e preocupações, seus trabalhos e divertimentos”. Assim, o cotidiano marginalizado é como se fosse uma riqueza encoberta pela aparência de pobreza. No entanto, há nele toda uma herança de saberes, de saber *fazer* (DEL PRIORE, 1997).

Fazendo uma relação desse argumento de Lefebvre (1991a) sobre a ausência ou dificuldade de se encontrar os registros da imprensa, com o contexto do trabalho doméstico como um produto do racismo (Teixeira, 2020), o cenário descrito na Introdução acerca de como os estudos feministas deram menor tratamento para as problemáticas do trabalho doméstico, é reforçado por uma dinâmica em que, como afirma Bell Hooks (2018, p. 72), “a mídia de massa tende a destacar muito mais as vozes do ‘feminismo de poder’ do que as vozes de mulheres que vivem outras experiências de enfrentamento desconectadas do poder de classe.

O cotidiano por meio de Certeau

Michel de Certeau é um historiador francês conhecido por suas produções sobre a mística e correntes religiosas nos séculos XVI e XVII e por suas críticas à epistemologia que governa a profissão do historiador (GIARD, 1998). M. Certeau exercia a atividade de historiador procurando “[...] não propor soluções, nem apresentar um diagnóstico definitivo que encerrasse o futuro, mas sobretudo” tentando compreender os fatos que aconteciam (GIARD, 1998, p. 11-12). Certeau (1998) buscava também o oculto. Essa procura pelo oculto guarda relações com a busca, por exemplo, do que a abordagem teórico-metodológica da análise do discurso, que será utilizada neste artigo, nos permite: desvelar os sentidos implícitos, não ditos e silenciados de um discurso. M. de Certeau também relativiza a noção de verdade, suspeitando da objetividade das instituições do saber, assumindo uma postura crítica em relação aos modelos da escola francesa de história (GIARD, 1998).

Abordaremos relatos de artes de fazer cotidianas que se aproximam, no pensamento de Certeau (1998), da cultura popular. Entretanto, falamos de culturas populares e, não, de uma única cultura popular pensada somente em oposição à cultura dominante, já que há diversidades mesmo em relação ao que comumente se chama de povo. O conhecimento das práticas das empregadas permitirá a análise de apenas uma faceta das múltiplas *artes de viver* de mulheres comuns.

Simbolicamente, essas mulheres e homens comuns são tratados como minorias. No entanto, são maiorias marginalizadas (CERTEAU, 1998). "A figura atual de uma marginalidade não é mais a de pequenos grupos, mas uma marginalidade de massa. [...] Essa marginalidade se tornou maioria silenciosa (idem, p. 44)". Nas práticas desses grupos, há a constituição de saberes que não têm "[...] legitimidade aos olhos de uma racionalidade produtivista" (idem, p. 141). Pois é o invisibilizado que interessa ao historiador do cotidiano (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 2009), como as astúcias, as piratarias e a clandestinidade.

Para falar desses saberes, Certeau (1998) dá, inclusive, exemplos de práticas que fazem parte do cotidiano das empregadas: "[...] artes do dia-a-dia na cozinha, artes de limpeza, da costura etc." (idem, p. 141). São artes que simbolicamente adquirem, segundo o autor, um valor de atividade privada, tornando-se a "[...] memória ao mesmo tempo legendária e ativa daquilo que se mantém à margem ou no interstício das ortopraxias científicas ou culturais" (idem, p. 142).

Estratégias e táticas cotidianas por meio de Certeau

Acreditando na legitimidade de saberes e de valores *anonimamente* criados (DURAN, 2007), Certeau (1998) buscava narrar práticas comuns que se constituíam em *artes de fazer* que poderiam se relacionar tanto a estratégias quanto a táticas, que são práticas relacionais inseridas em relações de poder e de resistência. As estratégias para o autor são práticas disponíveis para as pessoas em relação ao lugar de poder que elas ocupam nas relações, tendo intenção estratégica. Elas são

[...] o cálculo de relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um 'ambiente'. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta (CERTEAU, 1998, p. 46). Como na administração de empresas, toda racionalização 'estratégica' procura em primeiro lugar distinguir de um 'ambiente' um 'próprio', isto é, o lugar do poder e do querer próprios. Gesto cartesiano, [...] gesto da modernidade científica, política ou militar (CERTEAU, 1998, p. 99).

Nesse sentido, as estratégias são práticas que contam com um lugar próprio de poder. Quando nos deparamos com esse conceito, podemos pensar que as trabalhadoras domésticas, estando em posições desfavoráveis nas relações com seus patrões,

por exemplo, apenas sofreriam com o exercício dessas estratégias. Falando de lugares de poder, podemos falar mais comumente dos lugares de poder exercidos por esses patrões. No entanto, o conceito de Certeau (1998) nos leva a considerar que todas as pessoas ocupam lugares de poder, os quais, como já enfatizamos, são relacionais. Sendo assim, as práticas das trabalhadoras domésticas podem também ser entendidas como estratégias quando se referem a práticas que estão disponíveis a elas dado o lugar de poder que ocupam, podendo ser movimentos estratégicos de seu lugar de poder como empregada. As práticas cotidianas podem assumir o caráter de estratégias de maneira explícita ou implícita, estando escondidas por meio de cálculos objetivos (CERTEAU, 1998). E o que são então as táticas? As táticas são práticas que não envolvem intenção estratégica e nem um lugar próprio de poder, elas partem do fugidio, do oportuno e da clandestinidade. Nas palavras de Certeau (1998), a tática é um

[...] cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias (CERTEAU, 1998, p. 46).

As táticas são práticas destinadas a subverter a ordem dominante. Ela depende de uma vigília para *captar no voo* suas possibilidades de ganho. E o que ganha não guarda. O fraco, por meio das táticas, joga com os acontecimentos e momentos oportunos a fim de torná-los ocasiões. O foco está nos atos e nas formas de aproveitar essas ocasiões e, não necessariamente, em seus discursos, já que "[...] a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão" (CERTEAU, 1998, p. 47), decisão esta que combina alguns elementos heterogêneos. Por serem corriqueiras, muitas vezes, as táticas não são percebidas. Há, por exemplo, "[...] patrões que não conseguem ver aquilo que se inventa de diferente em sua própria empresa" (idem, p. 50). Aqui, podemos encontrar empregadores que não reconhecem as táticas das trabalhadoras domésticas.

Por meio das táticas, os indivíduos podem ter uma confiança instaurada em momentos de sofrimentos ao reintroduzir neles seus interesses e prazeres. As táticas são movimentos dentro do campo de visão do dito inimigo. Controlando esse campo, eles não teriam a possibilidade de totalizar o adversário, de empreender um projeto global, pois operariam a cada golpe, a cada lance. Aproveitariam e dependeriam das ocasiões, já que não iriam guardar o que ganhassem (CERTEAU, 1998). Nesse campo de visão, há possibilidades de mobilidade. No entanto, é uma mobilidade suscetível aos azares do tempo, já que a tática é a arte do fraco. Elas assumem um sentido de astúcia, pois, quanto mais fraco formos, mais a direção estratégica que empreendemos nos aproximando da astúcia, tornando de forma mais contundente o que chamamos de táticas. Nesse sentido, as artes de fazer são astúcias sutis, táticas de resistên-

cia que reapropriam o espaço e o uso de acordo com o jeito de cada um (DURAN, 2007).

Por meio das táticas, a posição do fraco pode ser fortalecida, já que elas desviam a ordem das coisas para fins próprios. Sendo exploradas por poderes dominantes ou negadas por discursos ideológicos, sua ordem passa a ser representada por uma arte. Da mesma forma, para as pesquisadoras, falar das táticas cotidianas é como praticar uma arte ordinária, fazendo da escritura uma forma de fazer sucata, é como se tivéssemos inserindo grafites à escrita (CERTEAU, 1998) acadêmica.

Enquanto as estratégias são movimentos que acontecem no dia a dia e nos quais jogamos porque queremos ser força de poder, as táticas são movimentos mais raros, mais difíceis, lampejos, pois não têm a intenção de um contrapoder ou de inverter a lógica do sistema. As táticas desestabilizam esse sistema, mas não têm intenção estratégica de tomar o exercício do poder, representando microrresistências ou microsubversões. Oliveira e Cavedon (2013), por exemplo, usam o termo micropolíticas. As táticas, uma vez reconhecidas, podem, inclusive, ser incorporadas pelas estratégias dos grupos dominantes a fim de retirar seus efeitos (CERTEAU, 1998). Podemos pensar que, quando uma prática que era antes relacionada a uma tática, passa a ser recorrente, ela deixa de ser tática, pois deixa de se valer do oportuno, de algo de que se aproveita por meio de lampejos.

Assim, as práticas cotidianas podem ser interpretadas tanto como estratégias ou táticas, dependendo do ponto de vista e do contexto em que são analisadas. Elas podem também ser assumidas como as duas coisas. Nesse sentido, não podemos ir ao campo de pesquisa pensando em termos binários, o que pode ser uma tarefa difícil para pesquisadores que foram socializados em uma sociedade acostumada com os binarismos. No entanto, não há como demarcar de forma absoluta o que é estratégia e o que é tática.

As percepções podem variar de pesquisador para pesquisador e de situação para situação. Assim, o que chamarmos de estratégia / tática nas análises que serão empreendidas neste artigo envolverá nossa percepção na pesquisa e o nosso entendimento acerca desses conceitos de maneira relacionada a cada situação particular que analisamos. Portanto, é importante que essas análises sejam relativizadas, pois não serão verdades absolutas a respeito das práticas cotidianas das nossas *sujeitas* de pesquisa.

Caminhos metodológicos

A natureza da investigação é qualitativa. Em relação ao *corpus* deste artigo, embora a noção de *corpus* seja originada do campo da linguística, significando um corpo ou uma coleção de textos (BAUER e AARTS, 2011), ela foi estendida para além do nível textual por alguns autores, como Barthes (1967), para abranger materiais diversos de pesquisa. O *corpus*, neste artigo, é entendido como um conjunto finito de materiais que são escolhidos previamente pelas analistas com uma (inevitável) arbitrariedade (BARTHES, 1967). A noção de *corpus* é adequada à abor-

dagem qualitativa de pesquisa porque se contrapõe a definições formais de amostragem (BAUER e AARTS, 2011) que poderiam desconsiderar, por exemplo, a arbitrariedade envolvida nas escolhas do pesquisador sobre que dados de pesquisa utilizar.

Esta pesquisa é apenas uma parte de uma pesquisa maior que envolveu, como *corpus*, a produção de discursos obtidos por meio de entrevistas que foram em partes abertas, e em partes semiestruturadas, buscando a apreensão de relatos sobre suas artes, em uma perspectiva maior que a deste artigo. Mas, em todas as entrevistas, na maior parte do tempo, deixamos que as trabalhadoras falassem livremente a respeito de pontos inicialmente levantados, como a história de vida delas (que não está contemplada especificamente neste artigo, mas que contribuiu para o conhecimento a respeito dos relatos de suas artes de fazer) e a respeito, explicitamente, de seus cotidianos. Embora nós não contemos linearmente aqui o cotidiano delas, que foi explicitado quando elas nos descreveram como eram seus dias e as práticas neles rotineiras, esta foi uma questão explicitamente colocada: conte-me seu cotidiano, como é o seu dia? Neste artigo, por conta de limitações de espaço, seus relatos de práticas já foram diretamente apresentadas de maneira relacionada às concepções de estratégias e táticas cotidianas.

Ressaltamos que, por Certeau (1988), não se adota estritamente um método de coleta de dados, mas "[...] uma nova relação com o mundo, com o saber e com os outros" (JOSGRILLBERG, 2008, p. 104), buscando a apreensão de práticas cotidianas que seriam como práticas *microbiais*. Para Certeau, Giard e Mayol (2009), a memória, a oralidade e as operações são elementos importantes para essa apreensão. E foi por meio especificamente da memória e da oralidade que essa apreensão foi realizada, sem observação direta das operações, ou qualquer interação com elas.

Para as entrevistas, além do estabelecimento de aspectos a serem falados, nossas posturas como pesquisadores buscaram o que a perspectiva de Certeau (1998) demanda. Coadunamos com a defesa de Josgrillberg (2008), para quem, ao estudar M. Certeau, devemos estar abertos ao encontro com o outro, não nos limitando a oferecer aos sujeitos entrevistados uma lista de questões previamente definidas. O autor se afilia à ideia de que podemos aprender com os próprios sujeitos as melhores questões a serem feitas.

Dada a complexidade, a diversidade e a polifonia características da categoria de trabalhadoras domésticas, delimitamos nossas *sujeitas* de pesquisa como sendo mulheres que atuam como trabalhadoras domésticas mensalistas ou diaristas na cidade de Belo Horizonte. O processo de coleta das entrevistas foi por amostragem bola de neve, na medida em que as trabalhadoras foram aceitando participar da pesquisa. Esse processo envolveu inicialmente a indicação de trabalhadoras domésticas por uma rede de contatos; e também a solicitação de contatos em associações de comunidades da cidade de Belo Horizonte. Para este artigo, especificamente, foram consideradas as entrevistas com seis trabalhadoras domésticas cujos nomes utilizados aqui são fictícios.

A abordagem teórico-metodológica utilizada se refere à ACD (Análise Crítica do Discurso), embora acabe tocando em alguns elementos que também estão presentes na análise linguística do discurso de corrente francesa (FARIA, 2009; 2012; SARAIVA, 2009), como: a análise das condições sociais de produção das práticas e dos discursos (o contexto), dos elementos explícitos, implícitos e das relações entre ambos e do dito e do não dito (os silenciamentos). A ACD foi um modelo analítico desenvolvido por Norman Fairclough, professor de linguística da Universidade Lancaster, Reino Unido, sendo denominada, por ele, Teoria Social do Discurso. O discurso, para Fairclough (2001), possui três dimensões: texto, prática discursiva e prática social.

Buscamos nas entrevistas discursos direcionados a um entendimento acerca de suas práticas cotidianas. Sendo assim, trabalhamos tanto com a dimensão das práticas discursivas, quanto com a dimensão de práticas sociais evidenciadas por Fairclough (2001). Embora nós não tenhamos trabalhado com as práticas sociais observando-as no momento de sua produção (não fizemos observação e acompanhamento pessoal de seu trabalho ou de sua vivência cotidiana), trabalhamos com os relatos das trabalhadoras a respeito das práticas sociais que executam cotidianamente. Sendo assim, trabalhamos de maneira direta com práticas discursivas e de maneira indireta com práticas sociais (por meio apenas de seus relatos, sem saber da correspondência exata ou não de seus discursos – que são eles também práticas – com suas práticas sociais).

As categorias analíticas utilizadas para responder à questão orientadora de pesquisa e atingir o objetivo apresentado foram: uma grande categoria denominada artes de fazer, composta por duas subcategorias denominadas: saberes cotidianos e ordinários das trabalhadoras domésticas e práticas cotidianas das trabalhadoras (estratégias e táticas).

Por fim, e não menos importante, ressaltamos que apresentamos os caminhos metodológicos que compuseram a grande pesquisa da qual se retirou o presente recorte. Mas que este artigo pedirá uma licença aos critérios de científidades especificamente direcionados ao aspecto metodológico para apresentar os resultados de modo a não explicitar, diretamente, o método empregado. Por que isto ocorre? Porque compreendemos que a arte de fazer foi silenciada por períodos seculares e esse trabalho visa estrategicamente romper com tal silenciamento. Rompimento esse que não poderia ser feito pela ciência ao sobrepor as vozes das *sujeitas* e caracterizar uma nova forma de colonialidade.

Para tal, o silêncio é rompido em primeira pessoa, pelas vozes das *sujeitas* ordinárias que participaram da pesquisa. Por isso, esta estratégia aqui empreendida não quer dizer que nos posicionamos contrariamente ao rigor metodológico e à necessidade de apresentação explícita da análise, especialmente numa análise do discurso, que é uma abordagem não só metodológica mas, sobretudo, teórica, mas que abrimos apenas uma pequena exceção visualizando estritamente priorizar as falas das mesmas diante das limitações de tamanho do artigo especificadas pelo formato de publicação.

Os saberes e práticas cotidianos e ordinários das trabalhadoras domésticas entrevistadas

Não fomos ao campo como inquisidoras tentando identificar: isso aqui é estratégia; aquilo ali é tática, considerando que só nessas classificações e categorizações as práticas possam ser entendidas. Em primeiro lugar, enfatizamos como a dimensão da prática, propriamente, é muito importante para pensar os saberes dessas mulheres. *Agindo* o tempo todo no exercício de seu trabalho, a prática se torna a ferramenta para o entendimento de seu cotidiano mais localizado e específico, bem micro mesmo, como aborda Certeau (1998). Como afirma Eva:

Eu num paro pra pensá [na vida] não. Tem dia que as menina fala assim, mãe vai dormi. Essa daqui tem dia que me pega... eu tô lá na no quarto dela, faz assim... ela, 'mãe dá licença, dá licença!' [risos] Vai dormi, vai dormi. Num paro pra pensá. Eu gosto de vivê. Eu gosto da luta [risos]. (Eva) (AD1)

Sobre as análises dessas práticas, mesmo que associemos de maneira explícita a estratégias e táticas, esta relação não é construída de maneira opositiva e nem implica na consideração de uma unicidade entre essas duas categorias, o que poderia implicar uma perda da complexidade relacionada a essas micropáticas. Outra observação importante é que, se estamos falando de práticas relacionais, não estaremos analisando somente as práticas das trabalhadoras, mas também as práticas discursivas e sociais dos empregadores que, por conta de gênero atuando como dispositivo de poder, são quase sempre as mulheres, nomeadas cotidianamente como patroas.

No entanto, nosso acesso a essas práticas é indireto, sendo realizado somente por intermédio do que as trabalhadoras recontam, das intertextualidades manifestas e constitutivas em seus discursos. Sendo assim, o entendimento a respeito das práticas de seus empregadores é circunscrito à maneira como as trabalhadoras as interpretam e as significam, já que, no *corpus* desta pesquisa, não estão inclusos os discursos dos próprios empregadores que se relacionam com as seis trabalhadoras entrevistadas. Em relação aos seus saberes cotidianos e ordinários, alguns podem ser observados nas AD's (amostras discursivas) presentes nos Quadros 1 a 8.

A precariedade associada às suas artes de resistir e de fazer chega a ser, em alguns casos, chocante, como no relato de Aparecida a respeito de uma situação que ela vivencia hoje, em um contexto marcado por profundas transformações no cenário do trabalho doméstico. Trabalhando como mensalista residente em uma república de estudantes, é atravessada de maneira muito precisa pela pobreza. Suas artes de resistir e de fazer dizem respeito, ainda, a uma situação de gênero também vivenciada de modo precário: mora com um marido sem ter com ele qualquer tipo de relação, sem que esse marido pratique a paternagem e tenha inclusive provocado a saída de seus filhos de casa e sem

Quadro 1 – As artes de se virar para sobreviver
Chart 1 – The arts of ‘turning around’ to survive

Vô ficou aqui... Prantei [risos] grama jun... uns três ou quatro meses pra mim vim embora, juntá dinheiro pra mim vim embora, prantava grama. Recolhe o dinheiro. (Eva) (AD2) **(Arte de resistir a uma situação precária, acionando um saber ordinário de plantar grama, para ganhar dinheiro, para poder viajar rumo a outra cidade, onde pretendia construir sua vida)** E nessa época já tava... já adoeci, eu... desmaiava. Desmaiava assim... eu via a situação... eu desmaiava. Falei, não... Eu vô... juntá um dinheiro e vô embora fazê um tratamento. E assim, fui fazê... eu saí de lá com... 16 anos, pra Belo Horizonte. Cheguei [risos] na rodoviária. Não sabia pra onde ir, sozinha. É, num tinha... num tinha... Ah eu... olhei pra um lado, ia pra outro... procurei aqueles carregadores, né, que... que fica lá auxiliando as pessoas que chega. Perguntô se eu queria ir pra algum lugar, eu falei que queria, que... pretendia ficá em Belo Horizonte pra fazê um tratamento e... e arrumá um emprego. Aí foi onde que eu encontrei uma pensão lá do lado. Fiquei... fiquei lá trabalhando. (Eva) (AD3) **(Arte de resistir a uma situação de vulnerabilidade, praticando as astúcias e as táticas certeunianas, partindo do lampejo, da oportunidade momentaneamente surgida)**

A gente mora todo mundo aqui. Ah, mora todo mundo. Todo mundo. A minhas duas neta... meus três neto, né. Todo mundo, a minha família toda. Minhas três filha, minhas neta, meus... genro, tudo mora aqui. Entendi. É... são quantas pessoas no total? Ih, nossa... [risos] [risos] Eu nem... nem contei. Tem que pará pra contá, né. [risos] É, lá é quatro... [risos] quatro, seis, sete com o pai delas. Uhum. Sete, oito, nove, dez pessoas. Dez pessoas. (Eva) (AD4) **(O saber ordinário de conviver, em meio a residências divididas com vários familiares)** É. Assim tem três cômodo né [a casa em que atualmente mora]? O quarto, a sala e a cozinha. E onde que era o banheiro, lá só tem um vaso só, nunca teve chuveiro não. Então três cômodo, então tem que fazer o quê? Xixi, pra não levantar de madrugada, faz xixi no potinho de sorvete e depois no outro dia de manhã joga no banheiro. Sai lá fora, joga no banheiro. É assim. E cocô faz lá na casa da minha irmã. E o [marido]? Ele faz lá mesmo, no banheiro que tá lá, um vaso que tá lá, um vaso só que tá lá, mas eu não vou lá não porque lá é muito feio, sabe? Só vou lá pra despejar o xixi. Entendi. Então cê fica entre a sua casa e a casa da sua irmã, que tão morando as suas duas filhas hoje? Uhum. É. Teve um dia minha fia, um moço, é... a gente tem esse negócio de benefício da Cemig, sabe como é, quando gasta pouco? O moço foi lá olhar, assim porque eles tava pesquisando quem, as pessoa que mora na cidade e gasta pouco né, energia elétrica, porque lá paga pouquinho. Então o moço tava pesquisando, pra ver se é verdade, né? Aí ele ficou bobo de saber que não tinha banheiro. Falei assim não, as coisa que a gente faz é no pote, despeja lá naquele vaso lá, e depois banho eu tomo lá na casa da minha irmã, ajudo a pagar a Cemig, e o [marido] toma lá mesmo. Aí toma de canequinha. Agora xixi é assim, no potinho depois joga no banheiro. (Aparecida) (AD5) **(O saber comum e ordinário de sobreviver por meio de práticas cotidianas de resistência a uma situação extremamente precária. Nessas práticas, inclusive, Aparecida subverte os usos dos objetos para satisfazer sua necessidade fisiológica)**

Em termos de alimentação, você se alimentava direito [na casa em que morou e trabalhou ainda criança]? Não, também. Mas tinha um sítio em frente à casa dela, lá tinha muita planta, tinha goiaba, tinha muita fruta, aí eu não passava muita fome porque eu ia pra lá e comia fruta nessa casa, mas era assim. Era desse jeito. (Arlete) (AD6) **(O saber comum e ordinário de sobreviver por meio de práticas cotidianas de resistência a uma situação de privação posta pelo exercício de poder da patroa. Arlete se vira para comer)**

Nessa época, meus pais e meus irmãos tinham voltado pro Piauí, e fiquei sabendo que eles não tavam numa situação boa. Aí eu tava trabalhando e entrei numa associação e comprei um lote, lá em Ribeirão das Neves e comecei... consegui esse lote e comecei a pensar numa forma de ajudar meus pais. E todo mês eu mandava um dinheirinho, qualquer quantia eu depositava pra minha mãe. Daí pensei que não dá pra ficar mandando, vou ter que trazê-los pra cá, porque daí tenho como ajudar melhor. Daí eu comecei a trabalhar numa casa pra dormir, e saí do supermercado e já fui trabalhar na casa pra dormir, que a dona me pagava mais. Aí juntei na época 700 reais, que era muito dinheiro na época... pra trazer meus pais e meus irmãos. (Arlete) (AD7) **(O saber comum e ordinário de sobreviver por meio de práticas cotidianas de resistência a uma situação precária)**

Fonte: Dados coletados pelas autoras
 Source: Data collected by the authors

que esse marido também contribua efetivamente para possíveis alterações em suas condições de existência em um cotidiano pobre e precário. Uma de suas saídas em suas artes de resistir se refere ao dispositivo da religião, entendido, por ela, como seu suporte, sem o qual, segundo ela, ela não estaria mais aqui.

Os variados e diversos saberes ordinários, encontrados no quadro um, estão também presentes de modo explícito nos enunciados das trabalhadoras, de modo não associado, agora, a situações extremas de precariedade. Dizem respeito aos saberes marginais que são praticados por essas mulheres

em suas relações com as atividades que executam, em suas relações com os espaços, com os objetos e com as pessoas com quem convivem.

O Quadro 2 nos permite evidenciar gestões cotidianas de existências, de artes de viver, resistir, cuidar e fazer, corroborando com o estudo de Carrieri (2012) a respeito de vidas sociais organizadas. Neste estudo, falamos, pois, das vidas das famílias nas quais o trabalho doméstico se insere; e das vidas das *sujeitas* que executam este trabalho por meio de astúcias sutis (DURAN, 2007). Trazemos, no quadro três, alguns enun-

Quadro 2 – Saberes ordinários
Chart 2 – Ordinary knowledges

[relação com a arte de cozinhar] Adoro cozinhar. Amo cozinhar. Na minha igreja eu fiz o almoço, eu até te falei, fiz o almoço do aniversário da igreja, fiz o noivado da filha da pastora, o jantar da igreja, de aniversário, depois nós fizemos outro jantar para vender. A pastora falou que agora quem vai ficar fazendo o jantar sou eu. Eu gosto, mas eu não sei fazer pratos, esses 'trem' não. Eu gosto de fazer comida mesmo. Doces, essas coisas assim eu não gosto não. Faço bolo normal, mas sem decorar, aquele trem com muita frescura, não. (Salete) (AD8)

[Um saber ordinário relacionado às suas práticas e interações com produtos tecnológicos] Você acha que a tecnologia te ajuda? Por exemplo, eu estou vendo aquela máquina de lavar louças.... Eu não uso a máquina [de lavar louças], eu lavo na mão. Eu não tenho muita paciência não. Não cabe tudo, não é tudo que põe. Eu nunca usei a máquina, eu que lavo mesmo. E o micro-ondas te ajuda? Ajuda, mas eu não sou muito de usar não, às vezes, eu uso. **Você que coloca as roupas para lavar?** [ela já havia falado sobre a máquina de lavar] Eu que lavo. No micro-ondas às vezes eu esquento comida, mas não é aquela coisa. A maioria das vezes a comida do [menino] eu esquento na panela. A máquina [de lavar roupas] nem se fala, ela ajuda muito, mas as roupas do [menino] eu esfrego antes de por na máquina, a do [patrão] debaixo do braço, o colarinho, da [patroa] as mais delicadas eu lavo na mão. (Salete) (AD9)

[saberes ordinários nas relações com o tempo] Hoje como que é sua rotina pra estudar? Na maioria das vezes eu vou estudando no caminho, eu tenho é o tempo que eu fico no ônibus mesmo. Mas como sábado... sábado eu tenho aula de manhã... mas tenho sábado a tarde e domingo para estudar. É mais tranquilo, muito melhor que antes, que não tenho tempo nenhum. E tem vezes que fico até tarde... quando eu tô muito apertada eu fico até 1h30. Já fiquei até as 2h da manhã estudando. E no outro dia tem que levantar cedo, né. (Arlete) (AD10)

[Os saberes ordinários nas artes de conviver] Eu e a Divina a gente vivia batendo boca. Eu e a Divina 'vivía' batendo boca, mas nada de sair e não... Eu batia boca, saía, voltava. Não tinha nada grave. Que eu me lembre, não. (Salete) (AD11)

[Os saberes ordinários nas artes de conviver] Esse trabalho [o primeiro em sua vida] era no começo era ruim né, a dona, a patroa era idosa né, então ela tinha a cabeça assim meia ruim, né? Assim tinha hora que cismava com a gente, né? Ai menina... **Você cuidava dela?** Não, cuidava da casa, né? Ai ela era assim esclerosada, sabe? Então tinha dia que ela tava boa, tinha dia que não, ficava implicando com a gente, né, segurando as coisa, falando não, na roça no meu tempo não gastava isso não, no meu tempo não gastava aquilo não, lavava chão assim com paia de milho, não sei o que, agora hoje você fica jogando detergente no chão, gastando as coisas jogando no chão pra passar limpar chão. (Aparecida) (AD12)

Aprendizado cotidiano de saberes e artes de fazer:

Num sabia limpá um fugão, fui aprendendo com a experiência. Ai a moça falô assim "ah não essa menina num sabe limpá não". Antes, realmente eu num sabia limpá as coisas direito porque eu num sabia, num num... ninguém me ensinô. (Eva) (AD13)

Aí perguntou se eu queria trabalhar com ela, cozinhar, né? Ai eu falei assim ah eu não sei fazer comida não. Mas cê não ajuda sua mãe a fazer comida aí na sua casa, não sei o que, não toma conta dos seus irmão? Falei: tomo. Então, você não sabe fazer comida, arroz, fazer feijão? Falei sei. E verdura? Sei também. Ai ela falou então é fácil, lá em casa também é assim. É um arroz, um feijão, uma verdura, uma carne, se não souber fazer eu te oriento, eu te ensino. Ai eu peguei e fui. (Aparecida) (AD14)

(Aqui, esse aprendizado contínuo de saberes comuns e ordinários se associa a um dos sentidos sociais do que é ser empregada doméstica, enquanto relação entre saber e poder: o sentido de continuidade típica das atividades atribuídas, pelas famílias, às meninas jovens das periferias)

Assim, eu nunca pensei que eu ia cuidá de uma menina, né. **Aham.** Que tivesse esse problema [Síndrome de Down]. Quando eu cheguei que eu fui pra... que ele me pegô lá na casa da mãe dele... na casa da tia dele, ela foi com ele. Ai ela já começou a conversá comigo. Eu no... no início eu não entendia nada não, que ela falava não. Que ela falava não. Mas depois eu fui entendendo, aí eu falava com ela, fala devagar pra Débora podê entendê. Ai ela falava devagarinho e eu entendi. Ai quando ela quiria alguma coisa que eu num entendia, ela me levava lá no quarto dela, abria a porta e me mostrava. Ai eu pegava pra ela. (Débora) (AD15)

[Arlete é a única das entrevistas que frequenta um ensino superior, cursando Administração em uma instituição privada por meio de bolsa parcial de cinquenta por cento do valor da mensalidade] Como você tá indo nas disciplinas da faculdade? Algumas estou indo bem, outras não, as que são mais difíceis pra mim é estatística e contabilidade. [...] **E como é a sua participação nas aulas?** Eu não perco as aulas, é muito raro eu perder uma aula. Eu não saio mais cedo, igual tem menino que sai mais cedo, mata aula, não mato aula. Eu não sou muito de perguntar não, de tirar dúvida. De vez em quando eu pergunto, faço uma pergunta. Tem aula de psicologia também, eu participo. Eu gosto mais da parte de humanas. Eu acho que eu tinha que estudar mais pra tirar mais dúvidas. Pra ter dúvida formulada, eu tinha que ta estudando. E eu não to fazendo isso como eu deveria. Na medida do possível, eu acho que to bem. (Arlete) (AD16)

Fonte: Dados coletados pelas autoras
 Source: Data collected by the authors

ciados que ilustram estratégias praticadas por essas trabalhadoras domésticas que permitiram que elas ocupassem seus lugares de poder, o que se contextualiza pela escolha (dentro de um processo também de governo dos seus próprios destinos) pelo trabalho de diarista ao invés do trabalho de mensalista, o que implica para o seu cotidiano e suas artes de resistir e fazer maior autonomia.

Esse novo cenário traz outra implicação importante para o cotidiano do trabalho doméstico: a histórica subordinação se reduz substancialmente em alguns casos. Privilegiadas no que se refere à relação entre oferta e demanda de trabalho, a autonomia se torna uma característica do trabalho doméstico das diaristas, que podem escolher onde trabalhar e, inclusive, recusar ofertas diante de uma alta demanda por seu trabalho. Além disso, têm maior autonomia em escolher em que dias da semana podem trabalhar (BARBA, 2011). E essa nova relação estabelecida implica também diversificações de relações de poder estabelecidas. O último enunciado apresentado de Arlete, por exemplo, reflete um contexto em que as empregadoras tendem a estranhar as práticas corporais e as *performances* das trabalhadoras domésticas que não mais estão atreladas a uma relação contratual fixa de traba-

lho (TEIXEIRA, SARAIVA; CARRIERI, 2015).

Entretanto, como esse exercício contínuo de artes de resistir e artes de fazer implica também práticas de governo de seus próprios destinos, não somente a arte de sobreviver mais autonomamente escolhendo ser diarista é praticada; há escolhas também deliberadas por se manterem como mensalistas.

As subversões não deixaram de aparecer nos relatos que fazem a respeito de seu cotidiano.

Na enunciação que produziu o fragmento AD26, encontramos uma subversão específica chamou mais a atenção: o relato de Débora a respeito de uma estratégia calculada, envolvida por uma significativa intencionalidade estratégica, o que mostra que as artes dessas trabalhadoras **não se restringem apenas a resistir: em suas artes de resistir e de fazer também são capazes de exercer poder, com uma intencionalidade, não de tomar o lugar efetivo do outro, mas de tomar esse lugar de modo a ser, no caso de Débora, a gestora de seus próprios horários e folgas forçadas de trabalho: subversões de dias, de horários e da própria disponibilidade para servir característica do trabalho doméstico.** Por essa prática com intencionalidade ter sido descrita de maneira bastante detalhada por Débora, reproduzirei aqui a transcrição completa de suas falas a respeito dessa prática para

Quadro 3 – As artes de resistências

Chart 3 – The arts of resistance

Assim, se cê vai trabalhá fixo, cê que traba... eu sô uma pessoa assim, se eu tivê que fazê pra você... trabalhá pra você que quero trabalhá direito. Quero fazê o serviço bem feito né, todo os dias. Se eu combinei com você é todos os dias. Agora, chega segunda-feira eu não posso ir né? Como é que cê vai ficá? Então assim, como eu preciso ter mais liberdade no meu dia a dia, pra ajudar aqui em casa, eu gosto de ser diarista, né. (Eva) (AD17)

Eu tô fazendo o curso noturno, aí teve uma mudança no hotel, eles tiraram uma comissão da gente, o salário ficou reduzido. Aí eu falei "pra eu trabalhar sábado, domingo e feriado e ficar tão cansada, e também preciso estudar", aí eu fui trabalhar de diarista, porque eu trabalho de segunda a sexta só e sábado eu tenho folga de manhã. No meu trabalho como diarista, as pessoas me respeitam e não querem me deixar sair. Foi uma luta pra eu conseguir sair dessa casa que eu não gostei, porque a dona adorou meu serviço. Mas se eu não gostei, por quê que eu vou ficar lá se agora eu posso escolher? Porque diz ela que as faxineiras que ela arrumava, gostavam tudo de ir embora, uma coisa muito ruim, é uma visão muito ruim que elas têm das diaristas, elas pensam que elas gostam de chegar tarde e sair cedo. Porque as pessoas pagam caro um dia de serviço. (Arlete) (AD18)

Fonte: Dados coletados pelas autoras

Source: Data collected by the authors

Quadro 4 – As manutenções dos saberes ordinários

Chart 4 – The maintenance of ordinary knowledges

Eu quero continuar sendo mensalista. Quem trabalha de diarista, hoje tem, amanhã não tem. Vamos supor, se o seu patrão viaja, você fica sem receber. Eu já cheguei até a pensar em ser diarista, porque ganha mais.... ganha mais, mas se você não "saber" controlar, você não ganha.... eu não sei. [risos]. (Salete) (AD19)

Eu não quero trabalhar como diarista, eu prefiro vir todo dia trabalhá, eu gosto. Eu gosto de... de... até porque eu acabo sendo até mais útil também, né. Eu nunca pensei em querer ser diarista não. Eu gosto desse contato todo dia com a mesma família, gosto. (Débora) (AD20)

Fonte: Dados coletados pelas autoras

Source: Data collected by the authors

Quadro 5 – Microsubversões

Chart 5 – Microsubversions

[Aqui, ela subverte o horário de trabalho, mesmo não sendo essa uma tática, já que houve planejamento, existe um cálculo objetivo]: Ah, eu vô... igual, ixprico né e falo pra... pro, pra pessoa quando eu vô trabalha. Eu falo pra... tipo, num era acostumada nem fazê faxina, mais eu tava precisano, estou precisando e eu vô fazê. Tenho problema de coluna, faço tudo devagar. Mais eu um... eu não tenho hora pra... deixá, pra ir embora. Ai a doutora [dona da casa em que faz faxina] chega né, fala assim "não, não, vai embora, vai embora, cê já passou da sua hora". Sabe como? Ela num... num tenho hora, mais eu num tenho pressa pra vim embora. Porque assim eu vô fazeno as coisas devagar. (Eva) (AD21)

Subverte o horário de trabalho, e o horário de almoço para se ajustar aos seus arranjos e rearranjos cotidianos: Chego às 7 horas. Às 5 horas eu saio. **Tem horário pra almoço, como é que funciona?** Tem, é tranquilo. Às vezes, eu falo, não, hoje eu não quero horário de almoço, porque eu vô precisá saí um poquinho mais cedo. (Eva) (AD22)

Subversões advindas de táticas, de lampejos, do fugidio e do oportuno

E aí quando você decidiu sair de lá, como é que foi [da casa em que foi morar ainda criança para trabalhar sem receber remuneração por isso]? Eu saí fugida de lá, apareceu uma oportunidade e eu aproveitei. Eu saí fugida e o tempo foi passando, e comecei a conversar com outras pessoas e me abria. (Ariete) (AD23)

Ai era muito difícil, sei lá, ficava sempre atrasada, sabe? Tirava nota baixa [na escola]. [...]Ai eu falei, na hora me deu a ideia de falar... falei pra poder servir de desculpa pro pai deixar eu sair da escola... me surgiu a ideia de falar que ia ficar em casa pra ajudar a mãe a olhar as criança né? Porque tinha três pequenos, tinha três filhos menores, né? Ai eu falava mãe agora eu vou sair da escola pra poder ajudar a senhora a olhar as criança. Ai a mãe de manhã ia lavar roupa, né, aí eu ficava de manhã lá olhando os três pequenininho, fazia almoço, arrumava a casa, enquanto a mãe ia lavar roupa, porque era muita roupa né, muita gente. (Aparecida) (AD24)

[Para se tornar uma mulher relacionável, ou para casar]: Tinha colega minha que saía e quando o rapaz ia deixar em casa, ela mostrava uma casa totalmente diferente da casa onde ela morava, ou então até mesmo morando na própria casa falava que morava ali, não falava que trabalhava. Eu nunca escondi isso. (Salete) (AD25)

Fonte: Dados coletados pelas autoras

Source: Data collected by the authors

ilustrar algo que revela o caráter relativo do poder praticado no cotidiano do trabalho doméstico.

Em termos de produção dos discursos em AD26, o poder que a patroa confere à sua condição de empregadora exigindo sempre mais de Débora faz com que a trabalhadora doméstica acione mecanismos de subversões. Nos momentos em que opta por mentir e manipular uma história sobre uma possível doença, Débora subverte a ordem dos serviços prestados por meio de alterações de seus horários e dias trabalhados, alterando também a exigência da patroa, sobre onde e como limpar, se valendo de aspectos invisíveis que perpassam o cotidiano (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2009) como a própria clandestinidade.

Analisando o saber de Débora empregado em sua subversão, como sua mentira foi descoberta pela patroa (a qual, então, exerceu também o seu poder ao investir uma vigilância em relação à Débora, posteriormente a demitindo), a caracterização de sua prática como uma microsubversão sem capacidades de contrapoder (aquele que tomara o lugar de poder ocupado pela patroa) é reforçada. Nesse sentido, o prefixo micro faz todo o sentido na análise de suas micropáticas, as quais podem trazer subversões que são, no entanto, limitadas. Ela acionou micropáticas num sentido político (OLIVEIRA, CAVEDON; 2013), para tentar sair de situações desconfortáveis.

Partiremos, agora, para a ilustração de algumas práticas cotidianas que ilustram e refletem uma vida social organizada: há programações de trabalho, há sequenciamentos de ativida-

des, e há saberes cotidianos das trabalhadoras aplicados às decisões tomadas a respeito do planejamento de suas artes de fazer.

Essa vida social organizada reflete não só a aplicação de saberes cotidianos, mas saberes politicamente constituídos como ordinários e marginais (CERTEAU, 1998) porque se circunscrevem a organizações muito micro localizadas, que dizem respeito a atividades muitas vezes invisibilizadas no cotidiano das residências: como uma limpeza que pode ser rapidamente convertida novamente em sujeira; uma desordem momentânea que pode fazer com que a vida social organizada da qual faz parte a empregada se desorganize. Além disso, porque dizem respeito a atividades cujos saberes foram histórica e hegemonicamente constituídos como sendo marginais; como sendo praticados por sujeitos marginais e, ainda, como sendo atividades naturalmente atribuídas a mulheres e, mais ainda, a mulheres pobres, a mulheres negras. Com esse processo, é como se elas fossem simbolicamente consideradas mulheres que executam atividades para as quais foram biologicamente destinadas. Além disso, não tendo, muitas vezes, a escolaridade necessária, não se inscrevem no que simbolicamente se considera como sendo verdadeiras profissões – aquelas que exigem qualificação específica, distintas simbolicamente do que podem ser consideradas apenas ocupações (GONÇALVES, 2007).

Outro aspecto interessante que surgiu nas entrevistas foi

Quadro 6 – Microsubversões planejadas
Chart 6 – Planned microsubversions

Eu não aguentava mais trabalhar não, depois de ficar anos trabalhando, desde menina, chega uma hora que a gente cansa. Ai o quê que eu fiz. Ela começou a reclamar que a casa tava ficando muito suja de poeira, porque era muita coisa pra eu fazer, então não dava conta de fazer aquela faxina sempre sabe? [...]Ai um dia que eu tava muito cansada eu liguei pra ela bem à noite e falei que não ia poder ir trabalhá no outro dia. Falei que tava sentindo mal. Mas aí não adiantava né, no outro dia depois eu tinha que ta lá de novo. Ai eu pensei de falá pra ela que eu tava com bursite. contei pra ela que há um tempo atrás o médico falou que eu tinha bursite e que tinha voltado a sentir dor. Falei aquilo no meio da semana. Ai quando foi na sexta-feira bem cedo eu liguei pra ela e falei que tinha acordo com muita dor e que ia pro atendimento. Ai passei sem dar notícia pra ela no dia. Quando foi no sábado de manhã que eu tava já quase pronta pra sair pra ir trabalhá ela me enviou uma mensagem no celular falando que eu não precisava ir trabalhá, que era pra eu ficar de repouso já que um dia sem trabalhá não adiantá nada. Achei foi bom sô. Ai na segunda feira eu voltei e fiquei saber o que eu ia falar pra ela. Quando cheguei lá é que me veio uma ideia assim... eu... eu falei pra ela que tinha feito raio-x e que eles tinha visto que eu tava com muita inflamação no ombro por causa da bursite. Falei pra ela que eu ia ter que fazer aplicação três vezes na semana mas que eu ia continuar trabalhano. Só pedi pra ela pra sair um pouco mais cedo, por volta de 3 horas [15hs] e que ia fazer isso três vezes na semana. **E o que ela disse?** Ela disse que eu podia sair mais cedo, mas que se minha situação piorasse que era pra eu voltar no médico. Ai assim eu fiz... saí num terça-feira primeiro mais cedo falando que ia fazer a aplicação no hospital, e fiz isso três vezes na semana. Ai quando foi no sábado eu pedi uma amiga vizinha minha pra ligar pra ela dizendo que eu tinha acordado de novo com dor e que ia de novo pro atendimento. Só que aí a casa caiu, menina. Quando foi ela me mandou uma mensagem dizendo que sabia que eu tava falando mentira e que era pra eu aparecer lá pra gente conversá porque senão eu ia ser demitida. **E aí, o quê que você fez?** Ai eu num fui não, imagina, fiquei com medo, fingi que nem tinha visto a mensagem. Ai quando foi na segunda, vai eu lá, com a cara e a coragem pra ir trabalhá. Quando cheguei lá continuei falando pra ela a mesma história, ia ser difícil inventá outra coisa e eu não queria que ela soubesse que eu tinha falado mentira porque ia perdê a confiança né... porque assim, eu fiz isso mas eu nunca faltei com a confiança antes com ela não. Ela podia deixar a casa dela e os filho dela comigo sem preocupação nenhuma. Eu tratava muito bem dos filho dela, e eles nem eram tão novinhos não, né, eles mesmo sentiam que eu cuidava bem deles. Foi só dessa vez mesmo que eu fiz isso e eu não queria sair do emprego por causa disso porque tem que trabalhá né, não tem jeito. Eu gosto de ser doméstica, mas tava cansada assim como qualquer trabalhador fica cansado né, no dia a dia. Só que aí ela... com aquela cara séria... foi me perguntando tudo e tudo pra eu confirmá, aí eu confirmei tudinho do jeito que eu tinha contado. Ai quando terminei ela falou que tava me testando, pra ver até onde eu ia conseguir mentir. Porque ela falou que já sabia que tudo era mentira. [...]fiquei muito triste comigo mesma. Ai num teve jeito, eu falei pra ela que se ela podia me dar uma chance, mas ela não quis.[...] Ai ela me falou que tava conversando com o marido dela e eles já tinha decidido me demitir, só tava esperando arrumar outra. Quer dizer, né, tava esperando arrumar outra pra só me mandar embora quando já tivesse arrumado. Só que ela ficô com tanta raiva deu ter falado mentira de novo pra não ir trabalhar que ela acabou soltando que já sabia. E foi assim, aí eu saí de lá. (Débora) (AD26)

Fonte: Dados coletados pelas autoras
Source: Data collected by the authors

que, no caso de todas as seis trabalhadoras entrevistadas, suas artes de resistir e de fazer estão discursivamente acompanhadas do personagem Deus. Para exemplificar essa relação, apresento enunciados de Eva, quem diz que segue a religião de Deus, sem se filiar a nenhuma religião específica. Por essa relação, suas conquistas cotidianas tendem a ser compartilhadas com ou atribuídas a Deus.

É possível perceber que as trabalhadoras não só resistem, como também podem exercer poder e ter intencionalidade estratégica em suas práticas. Além de exercerem poderes de modo intencional, podem governar sua própria existência e suas próprias práticas, exercendo poder sobre suas próprias escolhas e caminhos, o que aproxima até a própria abordagem teórica de Certeau (1998) à abordagem relacional do poder de Foucault (2009). Há práticas com intencionalidades estratégicas explícitas, mas há mais práticas de resistências narradas. Há também práticas que, promovendo uma gestão cotidiana da

casa e de alguns aspectos das vidas alheias, acabam culminando, também, em um exercício de poder *com* os outros [quando as decisões sobre a vida social organizada são compartilhadas com os empregadores que são, na maioria das vezes, decisões compartilhadas com outras mulheres] e também *sobre* os outros [quando elas sentem que exercem uma influência maior na vida social organizada dos empregadores]. E é por meio de Fairclough (2001) e de Foucault (2009) que entendemos que podemos agir com os outros e também sobre os outros.

No que se refere agora à questão orientadora deste artigo, é possível dizer que são vários e ricos os saberes cotidianos e ordinários que circulam entre as práticas das trabalhadoras domésticas dentro de um saber maior: que é o saber cotidiano e ordinário de gerir e de participar da gestão (gerir com ou gerir sobre) de uma vida social organizada. A esse saber, relacionam-se outros, que se referem tanto ao cotidiano do trabalho que exercem em outras casas, como também ao cotidiano exerci-

Quadro 7 – As práticas cotidianas que ilustram e refletem uma vida social organizada**Chart 7 – The daily practices that illustrate and reflect an organized social life****Em geral (planejando e controlando):**

Então, fixo, cê tá com dois [empregos como diarista]? Só dois. E aí cê costuma pegá outros, como é que é? Às vezes... Quando aparece ou não? Aparece, eu pego. Mais assim... agora mesmo não tô pegano porque num tenho... Num tô teno tempo mesmo. Se eu... seu... eu pegá, vô... vai atrapalhá aqui em casa, a... por causa do [neto que tem Down] ela [sua filha] nem alimentá direito, a menina tava alimentano. (Eva) (AD27)

Artes do fazer que estabelecem um sequenciamento de atividades (planejando e executando):

E como você organiza a rotina do trabalho? Na casa, eu começo pelo quintal, porque tem quintal, né? Eu prefiro o quintal e as varanda, organizá as varanda, depois vô pra dentro de casa. Aí eu... aspiro tudo e lavo banheiro. Aí depois que eu... passá pano e cuidá da... do resto das coisa. (Eva) (AD28)

Eu queria que você me contasse um pouco como é que é o seu dia a dia. Você acorda, o que você faz até o final do dia. Eu acordo 05:20hs, me arrumo, acordo minha filha para ir para escola. Eu pego o ônibus 05:55, venho embora, 07hs mais ou menos eu estou nos hospitais, chego aqui [no apartamento onde trabalha] 8hs e vou trabalhar. Chego aqui e vou trabalhar normal, fazer meu serviço, ficar com o [menino] na parte da manhã. Tomo café, eu, o [patrão, o menino, a patroa] tudo junto aqui. Fico com o [menino], brinco com o [menino], essas coisas mesmo da casa. Quando dá 14 horas, eu levo o [menino] para a escola, venho embora e termino de fazer o que tenho que fazer. Quando é dia de eu buscar o [menino], 18 horas eu desço lá para buscar ele, 17:55, venho para cá, espero a [patroa] chegar e vou embora para casa. Quando eu saio daqui 18:30, até que a [patroa] chega e tudo eu saio daqui 18:30, chego em casa tipo oito horas, oito horas e meia [da noite]. Você chega e o que você faz? Tem dia que tem que fazer a jantinha para a filha, quando eu não chego muito cansada. Quando eu tô muito cansada eu ligo para ela e: "Oh, faz o que você tem que fazer porque eu já vou chegar aí, vou tomar banho e vou dormir". Às 21 horas em ponto eu vou dormir. Eu gosto de dormir às 21 horas. Nem sempre dá para dormir às 21 horas não, mas às vezes dá. (Salette) (AD29)

Então ele saía cedo, aí eu tinha que botá... é, arrumá a [nome da menina de quem cuidava], descê com ela, botá na van pra podê ir pra escola. Aí chegava, dava tempo d'eu arrumá o apartamento, fazê almoço, fazê tudo que eu tinha que fazê. Mei dia a [nome da menina] chegava, eu dava banho nela, trocava roupa, dava almoço pra ela, pegava o ônibus com ela pra levá ela pra fonodióloga. Aí, da fonodióloga a gente... ela tinha uma outra... uma outra... um outro isso lugar também que eu levava ela pra fazê trabalhos manuais pra desenvolvê o... o movimento das mãos, sabe? (Débora) (AD30)

Eu acordo e agora eu levo minha filha lá em cima, no bairro de São Bernardo, e a outra ta trabalhando, arrumou um serviço aqui em cima mesmo, no caixa do açougue, aí eu tenho que acordar cedo, me arrumo e arrumo a [nome da filha] e levo na casa dessa senhora que ta olhando ela. E aí trabalho, e quando a [filha que trabalha no açougue] chega, ela vai lá e pega a [a outra filha]. Aí eu saio cedo e chego à noite, não venho em casa, porque não dá tempo. Geralmente eu chego nas casas por volta de 8h30, 9h, e saio de lá umas 17h30, pra dar tempo de chegar na aula. E saio e vou direto, e chego aqui em casa 23h30hs, isso durante a semana toda. E sábado, acordo cedo porque tenho aula, das 7h40m até 13hs, e é isso. (Arlete) (AD31)

Artes do fazer programadas (planejando, executando e controlando):

É. Acordo, já, à noite eu já programo né... comida, o alimento, o quê que eu vô deixá pronto pra [filha mais nova] porque ela tem o menino. Porque cê vai vê... ele um... tem que ficá na cadera, o pai dela também, da maneira que tá. Então eu dexo uma carne pronta, deixo né, arroz pré-cozido, o que eu pude deixá preparado eu já dexo pronto pra ela. Eu levanto 6 hora da manhã, já organizo o café da manhã, já dexo tudo arrumadinho. Que é aqui pertinho, né, já... 7 hora eu já tô chegado. Aí cê chega lá, como você organiza seu trabalho? Como é que é? Ah, lá é... é... eles são super organizado também. (Eva) (AD32)

Normalmente tem comida porque eu faço muito e congelo. Faço arroz, feijão, panqueca, faço tudo e congelo, carne. Já tirei um monte aí para fazer amanhã, porque eu vou entrar de férias na segunda-feira e já vou deixar pronto para eles. Então o almoço praticamente fica pronto, só tem que fazer uma verdura, alguma coisa assim. (Salette) (AD33)

Eu começava, ela pedia que começasse uma oito horas mais ou menos pra levantar e fazer o café pras criança tomar. [...] Mas eu preferia levantar mais cedo que eu adiantava o meu serviço, adiantava as coisas que eu tinha que fazer, enquanto assim, aí eu já deixava o café pronto, já ia adiantando alguma coisa, aí eu ficava depios por conta da arrumação da casa. (Tânia) (AD34)

Aí [na segunda-feira] a van já deixava ela [a menina de quem cuidava] lá na casa da Dona [nome da avó da menina], por quê? Pra eu tê mais, assim, tempo de limpá o apartamento. Era o único dia que eu fazia faxina na casa dele, era na segunda- feira porque a [menina] ia pra escola de manhã e à tarde ficava com a avó pra eu poder fazer a limpeza mais pesada. De noite, o pai dela chegava, passava na mãe dele, pegava ela e subia com ela. Então eu... o meu dia de faxina lá era toda segunda-feira. (Débora) (AD35)

Artes do fazer programadas e uma vida social organizada até para que ela possa fazer a entrevista da pesquisa:

Eu acordo 4:30 da manhã. Todo mundo fica falando, Aparecida, que exagero, mas tem que ser essa hora mesmo, minha fia. Juliana, não sei porque, minha fia, eu tava andando apavorada por causa disso... correria! Só corro, corro. Eu fico pensando, se eu for fazer uma coisa diferente já fico pensando ah minha Nossa Senhora, vai atrasar isso, vai atrasar aquilo. Agora que você tá aqui na entrevista, você tá pensando nisso? Eu tô pensando que quê eu tenho que fazer, correr. Então assim, eu levanto 4:30 da manhã, aí lá em casa faço café, tomo café e sento pra rezar. Eu rezo mais ou menos 15, 20 minutos né. Aí depois eu saio lá de casa, aonde que eu to morando, vou lá na casa da

minha irmã. Toma só o café, não come nada? É, não como nada não. Ai eu saio de casa, vou pra casa da minha irmã onde que tá minhas filha né, chamo a [filha mais nova, de 15 anos] pra escola. Começo a chamar ela 5:30, aí coitada, tá levantando 6 agora. Eu chamo, mas assim, pra ela ir despertando, né? Enquanto isso eu vou lavando vasilha, chego lá, lavo vasilha né. Lavo vasilha, se tiver que afogar alguma comida eu afogo, e... **Você que faz a comida pra elas?** Ai a [nome da filha] levanta né, eu arrumo café pra ela, e vou ajudando né, senão atrasa. Eu arrumo café pra ela, depois ela sai, eu sento né, mais ou menos 6:30 eu sento lá na sala pra esperar. 10 pras 7 eu saio de casa e vou trabalhar né, na república, né, eu começo 7 horas, aí chego lá, faço as coisa, tudo corrido. Como eu ia fazer a entrevista hoje, aí ontem, quê que eu fiz? Comprei já beterraba, cozinhei já ontem pra eu chegar lá em casa correndo, já pico só e faço a salada né? **Porque cê ia fazer a entrevista hoje?** É. Cê tá aqui agora pensando no que cê tem pra fazer? Uhum. A sua entrevista vai durar um pouco mais que o normal porque tem muita coisa interessante. Ainda tem mais coisa ainda? Tem, só algumas perguntas. Nossa Senhora. Se você quiser, pode ir embora, a gente marca outra entrevista se você puder. Tem hora que eu não gosto nem de ver o relógio minha fia, porque eu sei que... aí eu fico mais apavorada ainda, vendo a hora. Tá, se cê quiser parar, cê me fala. (AD36)

Uma gestão cotidiana das artes de fazer que implica, também, em um exercício de poder:

Eu, eles não falam nada, nada, nada. A [nome da patroa] não fala assim "tem que limpar ali, ali está mal limpo", nada. Ela não fala nada. Que roupa tem que por no [nome do filho da patroa de quem ela cuida], nada. É tanto que quando ela vai viajar com o [menino] eu quem arrumo a mala. Assim, separo as roupas e deixo lá. Eu ponho um monte de roupa, eu sou exagerada, aí ela vai e tira. E viro para ela e falo: "se você vai de carro, não é melhor você levar? É melhor sobrar do que faltar. Você não vai ter que carregar de ônibus, você está indo de carro, o quê que tem?" [...] A casa da [patroa] fica na minha responsabilidade, tudo na minha responsabilidade. Do jeito que eu fizer para ela, está bom. Se hoje eu forrar a cama dela, está ótimo, se não deu tempo, ela chegar e não estiver forrado, também está bom. Ela não reclama. Ela não gosta muito de forrar cama não, não dá tempo. É assim. (Salette) (AD37)

Foi iniciativa de quem arrumar a diarista para te ajudar? Minha, porque o [menino] começou dar mais atenção. Nós mudamos para a cobertura, então ficou maior, aí que arrumou a Léia. A Léia ia toda semana, agora a Léia só vai de 15 em 15 dias porque o [nome do menino] vai para a escolinha. Mas foi minha, eu que falei porque eu não estava dando... lá em cima, nó, é poeira demais. Por ser o último andar, você precisa ver. Você limpa o chão e de repente está cheio de poeira, aquele pó preto, então eu não estava dando conta. (Salette) (AD38)

Eu que tomava conta de tudo. As conta do... do apartamento, eu que tomava conta mesmo, eu administrava a casa. Eu sentia mesmo que oh... eu administrava a casa. (Débora) (AD39)

Fonte: Dados coletados pelas autoras

Source: Data collected by the authors

Quadro 8 – Artes de resistir e de fazer

Chart 8 – Arts of resisting and doing

Aí eu tive que ficá aqui em casa, mais aí eu... parti pra minhas... fazê as faxina, que aí eu faço três dia na semana, sobra os outro dia... pra mim ficá... em casa. Assim, eu vô intercalano... Uhum. E Deus tá me abençoano que eu tô resolveno. Finalmente voltano a te contá que eu... deixei, né, o depósito lá, nós abrimo uma fábrica de bombom, e ass... vai vivo essa vida aqui. (Eva) (AD40)

Aí... essa senhora ensinô pra gente fazê o bombom. Ensinô pra ela... e pro [genro]. Aí nós fizemo, ela, né... Abriu uma fábrica de bombom e a gente continuô todo mundo trabalhano. Ganhamo muito dinheiro, graças a Deus, dexano... que essas coisa pra lá, essas coisa de briga, de confusão, sabe. (Eva) (AD41)

Fonte: Dados coletados pelas autoras

Source: Data collected by the authors

do sobre si, para si, sobre suas casas, seus familiares: o se virar para sobreviver; a ligação afetiva com sabores ordinários como o cozinhar; o saber sobreviver tentando mudar suas próprias condições de existência; as artes de conviver; um aprendizado cotidiano de saberes e artes e fazer; estratégias para si que as fizeram assumir lugares de poder nas relações de trabalho estabelecidas; o saber escolher o tipo de arte de fazer doméstico (se como mensalista ou como diarista); o saber praticar, tanto estratégias, quanto táticas; o saber resistir e, ao mesmo tempo, exercer poder; saberes de microsubversões; saberes de subver-

sões especificamente relacionadas ao caráter de disponibilidade ao outro que se liga ao trabalho doméstico; o saber agir por meio de lampejos, do fugidio e do oportuno.

Considerações finais

Este artigo permitiu a abordagem de variados saberes cotidianos e ordinários que circulam entre as práticas das trabalhadoras domésticas dentro do que foi chamado de um saber maior: o saber gerir e participar da gestão de uma vida social organi-

zada. Sua contribuição, trazer Certeau (1998), foi a transcrição de vozes marginais dentro de um espaço que não é considerado marginal: o texto acadêmico, se esse for pensado em seu contexto mais amplo – a academia e o âmbito científico – cujas produções estão constantemente nas folhas dos jornais, nos sites de notícias, nos telejornais (embora essa afirmação não necessariamente se aplique a determinados estudos organizacionais, como este, que falam de sujeitos e temas marginais, ou que discutem temas não marginais – como a gestão, a administração – por meio de abordagens marginais – sobretudo, críticas).

Introduzindo a perspectiva da vida social organizada das trabalhadoras domésticas, referenciamos o estudo da vida social organizada (CARRIERI, 2012), identificando as *sujeitas* estudadas como autoras de micropráticas que contribuem de forma direta para políticas organizativas importantes, por vezes ignoradas, na sociedade e nos estudos *mainstream*. As ações vividas e praticadas na esfera privada situam essas trabalhadoras domésticas no contexto de vida social organizada e acentuam a compreensão trazida por Certeau (1998), nos possibilitando o estudo do que ele mesmo chama de saberes cotidianos e ordinários. Ao fazê-lo, este estudo se liga à consideração de teóricas feministas negras sobre os saberes ancestrais de mulheres negras (considerando serem a maioria na atividade) que são negligenciados e por vezes excluídos dos processos de construção de conhecimento acadêmico.

Conectando-nos aos estudos organizacionais, posicionamento adotado aqui é o de que podemos, assim como sugere Carrieri (2012), ser sujeitos da nossa própria história de gestão. Ao reconhecer nos estudos organizacionais a importância de estudar como *sujeitas* as trabalhadoras domésticas, rompemos com idealizações predominantes sobre quem é o sujeito administrativo, que se gradua e mantém suas práticas regidas por códigos de conduta (ALCADIPANI; TURETA, 2009; PETINELLI-SOUZA, 2011). Nega-se a produção hegemônica do sujeito administrativo constituído preponderantemente como masculino, branco, heterossexual e norte-americano ou europeu que representa o discurso do *mainstream*, de forma que sistematiza a melhor maneira de se administrar e quem são os sujeitos de gestão.

Nesse contexto, este artigo é uma contribuição que dialoga com a perspectiva crítica em relação à história tradicional, já iniciada por outros trabalhos no contexto dos estudos organizacionais, contribuindo para a desconstrução das perspectivas hegemônicas herdadas de um *racismo epistêmico* que coloniza o olhar do pesquisador em estudos organizacionais (ALCADIPANI; ROSA, 2010; TEIXEIRA; OLIVEIRA; MESQUITA, 2019) ademais para se pensar e problematizar quem são os (as) sujeitos (as) da prática do que é *fazer* gestão. Sugerimos para um entendimento ampliado de como essas práticas se ligam às estruturas sociais, debates sobre raça, gênero e classe, que permitam compreender a partir de que lugares as práticas aqui relatadas são condicionadas, e são também ressignificadas por essas mulheres, discussões que são realizadas em outros recortes da pesquisa maior que originou este estudo.

Referências

- ALCADIPANI, R.; ROSA, A. R. Pesquisador como o outro: uma leitura pós-colonial do "borat" brasileiro. *RAE*, São Paulo, v. 50, n. 4, p. 371-382, out./dez. 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902010000400003>
- ALCADIPANI, R.; TURETA, C. Perspectivas críticas no Brasil: entre a *verdadeira crítica* e o dia a dia. *Cadernos Ebape.BR*, Rio de Janeiro v. 7, n. 3, artigo 7, set. 2009.
- BARBA, D. A fuga das diaristas. Site Área H, Seção Cool Comportamento, 2011. Disponível em: Acesso em 23 setembro 2020.
- BARBOSA, A. M.S.; IASINIEWICZ, G.; BUTTOW, M. Trabalho doméstico: entre o poder simbólico patronal e a luta por reconhecimento jurídico. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo v. 55, n. 3 (2019): setembro/dezembro 2019. <http://dx.doi.org/10.4013/csu.2019.55.3.04>
- BARTHES, R. *Elements of semiology*. New York: Hill and Wang, 1967. 111p.
- BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, Vozes, 2011, p. 39-63.
- CARRIERI, A. P. A *gestão ordinária*. 2012. Tese (Prof. Titular) – FACE, UFMG, BH. CERTEAU, M. A *invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998. 351p.
- CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. A *invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CUNHA, A. M.; CANUTO, F.; LINHARES, L.; MONTE-MÓR R.L... O terror superposto: uma leitura do conceito lefebvriano de terrorismo na sociedade urbana contemporânea. *Estudos Urbanos e Regionais*, v.5, n. 2, p. 27-43, 2003.
- DEL PRIORE, M. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. RJ: Campus, 1997, p. 376-98.
- DURAN, M. C. G. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-28, set./dez. 2007. <http://dx.doi.org/10.7213/rde.v7i22.4177>
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001. p. 61-88. 320 p.
- FARIA, A. A. M. Interdiscurso e intradiscurso: da teoria à metodologia. In: MENDES, E. A.E de M.; OLIVEIRA, P. M.; BENN-IBLER, V. (Orgs.). *O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. p.31-37.
- FARIA, A. A. M. *Mina, livro, partido, sindicato: reflexo e refração em discursos sobre e de trabalhadores*. Artigo final de pós-doutorado. PUC-Minas e UFMG. 2012. Forthcoming.
- FARIA, A. M.; SILVA, A. R. L. Quando a estratégia como prática encontra com a política pública de Turismo. *Teoria e Prática em Administração*, v. 5, n. 2, p. 72-100, 2015. <https://doi.org/10.21714/2238-104X2015v5i2-26666>
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992. 295p.
- GARDINER, M. E. *Critiques of everyday life*. London and New York: Routledge: 2000.
- GIARD, L. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, M. A *invenção do cotidiano: artes de fazer*. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 9-32.
- GONÇALVES, C. M. *Análise sociológica das profissões: principais eixos de desenvolvimento*. Porto: Universidade do Porto, 2007.
- HONORATO, B. E. F.; SARAIVA, L. A. S. Cidade, população em situação de rua e estudos organizacionais. *Desenvolvimento em Questão*, v. 14, n. 36, p. 158-186, 2016. <http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2016.36.158-186>

- HOOKS, B. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- JOSGRILLBERG, F. B. Michel de Certeau e o admirabile commercium de sentidos na educação. *Educação: teoria e prática*, v. 18, n. 30, p. 95-105, jan./jun. 2008.
- KILOMBA, G. *Memória da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LEFEBVRE, H. Apresentação de uma pesquisa e alguns achados. In: LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo, Ática: 1991a, p. 5-76.
- LEFEBVRE, H. *Critique of everyday life*. London: Verso, 1991b.
- LEÓN CEDEÑO, A. A. *Emancipação no cotidiano: iniciativas igualitárias em sociedades de controle*. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia Social) PUC-SP, São Paulo.
- MARTINS, J. de S. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- NEVES, M. S. Representações (excludentes) de si no discurso de uma jovem doméstica. In: CORACINI, M. J. R. F.; GHIRALDELO, C. M. (Orgs.). *Nas malhas do discurso: memória, imaginário e subjetividade*. Campinas: Pontes, 2011, p. 245-270.
- OLIVEIRA, J. S. de; CAVEDON, N. R.. Micropolíticas das práticas cotidianas: etnografando uma organização circense. *Rev. adm. empresa.*, São Paulo, v. 53, n. 2, p. 156-168, Apr. 2013
- PATTO, M. H. S. O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação. *Perspectivas*, São Paulo, v. 16, p. 119-41, 1993.
- PETINELLI-SOUZA, S. Poder, saber e subjetividades: constituição e formação do sujeito ADM. 2011, 192f. Tese (Doutorado em Educação) UFES Vitória.
- QUARESMA JR, E. A.; PEIXOTO, D. L.; CARRIERI, A. P. A cristalização de uma microrrevolução francesa. *RAM*, v. 14, n. 6, p. 162-183, 2013. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712013000600008>
- RIBEIRO, D. *Lugar de fala*. Coleção Feminismos Plurais, São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019.
- RODRIGUES, S. B.; CARRIERI, A. P. A tradição anglo-saxônica nos estudos organizacionais brasileiros. *RAC*, Rio de Janeiro, v. 5, n. Ed Especial, p.81-102, 2001. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552001000500005>
- SANTOS, R. J. *Corpos domesticados: a violência de gênero no cotidiano das domésticas em Montes Claros*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – UFU, Uberlândia.
- SARAIVA, L. A. S. *Mercantilização da cultura e dinâmica simbólica local: a indústria cultural em Itabira, Minas Gerais*. 2009. 333 f. Tese – CEPEAD, UFMG, 2009.
- TEIXEIRA, J.C. Brazilian Housemaids and Covid-19: how can they isolate if Domestic Work stems from Racism?. *Gender, Work & Organization*, 2020 doi: <https://doi.org/10.1111/gwao.12536>
- TEIXEIRA, J. C.; CARRIERI, A. P.; PEIXOTO, T. C. O cotidiano da cidade de Belo Horizonte na revista *Veja BH*. *Gestão & Conexões*, v. 4, n. 2, p. 7-40, 2015.
- TEIXEIRA, J. C.; OLIVEIRA, J. S.; MESQUITA, J. S. *Pode a interseccionalidade ser afrocentrada no campo da Administração?* Um ensaio teórico sobre as contribuições da teoria interseccional para a área de administração. *Anais do Encontro de Estudos Organizacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Fortaleza, CE, Brasil, 10 (2019).
- TEIXEIRA, J. C.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Os lugares das empregadas domésticas. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 22, n. 72, p. 161-178, Mar. 2015.
- WOOD JR, T.; PAES DE PAULA, A.P. *Pop-management: pesquisa sobre as revistas populares de gestão no Brasil*. *Anais do Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Salvador, BA, Brasil, 26 (2002).

Submetido: 30/04/2020

Aceite: 23/09/2020